

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: 351

Data: 21.12.77

Pg.: \_\_\_\_\_

# Juruna veio buscar o Natal dos índios

F5  
21

O cacique Mário Juruna chegou na semana passada em São Paulo esperando encontrar no coração das pessoas o mesmo espírito natalino que reveste de luzes os postes e ruas da cidade. Sua primeira visita foi à fábrica da Singer, onde expôs alguns dos problemas da sua tribo. Resultado: recebeu de presente uma máquina de costura.

Mas sua condição de batalhador pela situação do índio, que já o levou de gravador em punho (para não desmentirem o que disseram) aos mais altos gabinetes da Nação, não pode ser mal entendida: "Não quero ser confundido com palhaço. Precisamos de redes de pesca, sapatos, tecidos, facões, implementos agrícolas, roupas. Não promessas". Esta condição não o impede de sonhar e seu sonho é voltar de São Paulo com um presente de Natal à altura de sua condição de cacique: um trator para ser usado por sua tribo, composta de 200 membros, que fazem parte (juntamente com outros 600 índios) da reserva de São Marcos, em Mato Grosso.

Mário Juruna chegou com Tomáz, outro índio Xavante da reserva, e ficará hospedado até o dia 27 na casa de um jornalista (telefone: 261-1657) onde espera receber doações de qualquer tipo (cobertores, remédios, facões, redes, roupas), também de particulares. Na sua estada em São Paulo visitará algumas indústrias e casas comerciais na tentativa de conseguir mais ajuda para sua tribo, dilapidada como todas as outras, pela ganância por terras.



Foto de Cristina Villares

Mário Juruna está em São Paulo em busca de ajuda para o seu povo

**"Diante de Deus somos todos iguais e o Brasil não tem o direito de envergonhar o índio"**

As andanças do cacique Juruna têm mais de 10 anos. Em três governos diferentes ele enfrentou filas, esperas nas ante-salas dos gabinetes ministeriais, foi xingado de malcriado e ameaçou fazer guerra contra o homem branco. Mas conseguiu em 75 aumentar a reserva dos índios Xavantes de 14 mil para 180 mil hectares de terra.

Sentindo-se membro de um povo a caminho da extinção, Juruna deixou sua tribo e foi trabalhar para fazendeiros, uma forma que encontrou para entender melhor o homem branco. Depois de quatro anos de trabalho ampliou seu poder de entendimento: "Entendi mais ou menos o valor das coisas e lembrei do meu povo, 800 índios vivendo em 14 mil hectares de terra. Era pouco. Sai batalhando pela ampliação".

Juruna lembra do começo, quando se entrevistou com o general Albuquerque Lima, ministro do Interior e posteriormente José Queiroz Campos, presidente da Funai nesta época: "Foi o melhor tempo da Funai. Demonstraram muita boa vontade e resolveram alguns dos nossos problemas daquela época. Ai mudou o ministério e a presidência da Fundação foi para o general Bandeira de Mello, que estragou tudo. Até vender terras dos índios ele fez". "Neste tempo, sua tribo foi ameaçada de ser mudada de São Marcos para a Amazônia. Em entrevista com Bandeira de Mello, declarou que quem manda na terra do índio é o índio e que eles não salam nem sob a ameaça de batalhões do Exército. Com o ministro Costa Cavalcanti teve muitas discussões:

"Ele respondeu que não podia tirar os fazendeiros, eram muitos. Respondi então que derramaria o meu sangue para provar que ele não estava agindo direito. Tínhamos pelo menos 400 guerreiros e es-

tava disposto a morrer guerreando para mostrar à Nação que os nossos problemas estavam esquecidos". Com 50 guerreiros tirou todas as armas de fogo dos fazendeiros da região e o então presidente Médici ratificou o decreto anterior, da gestão Costa e Silva, garantindo a terra aos Xavantes.

"Depois os posseiros estavam armados de fuzil, para tentar novamente a expulsão dos índios. Foi até um engenheiro para medir a terra. Recorri ao chefe da Casa Civil da Presidência, general Golberri do Couto e Silva e o ministro do Interior, Rangel Reis, apressou o processo e tirou os fazendeiros".

Mário Juruna é de opinião que o governo deve todo o apoio aos índios, que estão sendo extintos gradativamente. Em discussão com o chefe da Divisão do Patrimônio Indígena da Funai sobre problemas de terra foi chamado de malcriado e expulso do gabinete: "Disse a ele que diante de Deus éramos todos iguais e que o Brasil não tinha o direito de se envergonhar dos seus índios. Perguntei-lhe quem havia descoberto o Brasil e ele não respondeu. Falei que se meus ancestrais pudessem saber como ficaria a situação teriam matado todos os portugueses há 400 anos atrás".

Juruna sabe que sua gente tem direitos sobre as terras da União. Com 37 anos, dois filhos e cinco filhas para criar e 200 índios da aldeia de Namuncura para chefiar, ele acredita no atual ministro do Interior, Rangel Reis. Neste episódio com o chefe da Divisão do Patrimônio, foi defendido pelo general Ismarth de Oliveira, atual presidente da Funai, a quem dispensa enorme confiança.

Além de materiais e ferramentas, Juruna espera um presente mais substancial: "Espero que no próximo mandato, mantenham o general Ismarth e o chefe da Divisão de Operações da Fundação, Gérson Alves da Silva, que são dignos do cargo, e façam uma limpeza na Funai para acabar com este negócio de ganhar nas costas de índio".

Mas ele tem fé no Projeto Xavantes, criado este ano e que promete

dar mais assistência ao índio. Em 78, ele espera da Funai uma ajuda maior. Principalmente no que se refere às três reservas daquela região, cuja demarcação e integração à reserva de São Marcos já foram decretadas mas continuam cheias de posseiros:

**Para entender melhor os brancos, foi trabalhar com os fazendeiros durante quatro anos**

"São diversas glebas de terras, tomadas aos índios com o auxílio de má fé, trocadas por caminhonetes e cabeças de gado, tirando proveito da ingenuidade dos índios. Tem até um engenheiro providenciando uma certidão negativa afirmando que na região não existe índios. A Fazenda Xavantina é outro caso. Ela tomou a melhor terra, deixando aos índios um lugar só de areia, sem água ou caça. Estão defendendo esta fazenda com mentiras de que lá não existe índio. E foi justamente nesta região que eu fui criado".

Entre as coisas que foram prometidas a Juruna estão duas escolas e algumas cabeças de gado, leiteiro e de corte para sua aldeia: "Vou tentar incluir neste pedido também o trator". Sua aldeia sobrevive às custas da agricultura e Juruna diz que se planta de tudo: arroz, feijão, milho, mandioca. Para melhorar a produtividade, mudou a relação de moradia da aldeia, que antes vivia em uma grande oca comunitária e agora, cada família mora separada, em ocas menores. Ele faz questão de dizer que na sua aldeia bebida não entra e que seus filhos, mesmo indo à escola (os 3 mais velhos) são obrigados a trabalhar na roça para ajudar os pais a garantirem o sustento da família toda. Sua comunidade espera dos que tiverem o espírito de Natal no coração (e no bolso) um telefonema providencial.

Celso Marinho